

Psicoterapias de grupo e Grupanálise: suas especificidades e relações

GUILHERME FERREIRA (*)

I — PSICOTERAPIA DE GRUPO. A DEFINIÇÃO E EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Podemos definir psicoterapia de grupo como toda aquela forma de ajuda psicológica que se dirige não a um indivíduo, considerado isoladamente, mas sim a um conjunto de pessoas.

O primeiro autor que efectuou psicoterapia de grupo foi J. H. Pratt, nos EUA, em 1905, que trabalhou com doentes tuberculosos. Desde muito cedo que se conheceu a importância dos factores psicológicos e sociais, ao lado dos biológicos, na génese desta doença. Daqui a ideia de Pratt de trabalhar com grupos de tuberculosos, que organizava como classes, e aos quais ensinava, pedagogicamente, os factores epidemiológicos, responsáveis pela transmissão da doença, sua causa e evolução, ao mesmo tempo que lhes procurava aumentar as resistências à doença, através do reforço dos factores defensivos, pelo estabelecimento de que poderíamos designar como «novas relações de objecto» e, conseqüentemente, pelo aumento de confiança do doente em si próprio.

A partir desta acção, desenvolveram-se os trabalhos de psicoterapia de grupo da escola psicossomática americana, em que citaremos os nomes de Buch, trabalhando com hipertensos, e de Stephen, Chappel, Rogerson e Pike, com doentes com úlcera péptica, todos eles seguindo as mesmas técnicas de Pratt, ainda que com algumas variantes.

Os primeiros trabalhos de psicoterapia de grupo, com doentes do foro psiquiátrico, foram porém, levadas a cabo em Viena de Áustria, por J. L. Moreno, na década de vinte.

Muitas pessoas referem este autor como tendo nacionalidade americana, o que aliás corresponde à verdade, mas só depois dele ter fugido para aquele país, a seguir a Hitler ter levado a cabo o Anchluss.

Este autor foi o grande impulsionador, não apenas do psicodrama, entidade a que a maioria das pessoas o ligam, mas também às psicoterapias de grupo, de que, de certo modo, foi um precursor. Por isso, a Sociedade Internacional de Psicoterapia de Grupo tem-me como seu presidente honorário.

Pela mesma época (1923), Klapman cita os trabalhos de Overetzki, que utilizava técnicas de psicoterapia de grupo, na URSS, no tratamento de neuroses.

Foi contudo, depois da Segunda Guerra Mundial, que se assistiu ao desenvolvimento

(*) Director do Hospital Miguel Bombarda.

maciço dos técnicos de psicoterapia de grupo. Essa grande difusão começou com a experiência de Northfield, levado a cabo, entre outros, por Foulkes e Bion, que procuraram com ela, responder, empiricamente, às necessidades que o número de pacientes levantava. Como em tantas outras evoluções científicas, só posteriormente se encontrou uma teoria que justificasse estas acções.

Toda ela é consequente desenvolvimento das técnicas grupais em psicoterapia tem que ser, aliás, enquadrada no contexto da evolução histórico-político-social desta época, marcada pelos grandes conflitos sociais e lutas de classes, até se encontrar um equilíbrio final, nos últimos tempos, pelo menos no que à Europa e América do Norte diz respeito.

A evolução da literatura e das artes reflete também estes problemas e vê aparecer, ao lado das correntes modernistas, procurando o simbólico como referência, as correntes realistas, o que levou a que, frequentemente, elas se encontrassem na procura de planos complementares.

O Século XX, que é o pano de fundo de toda esta evolução, surge-nos, assim, em psiquiatria, como a época, em que se verifica o desenvolvimento das psicoterapias de grupo, em substituição das individuais. Poderemos designá-lo, mesmo, como o século da psicoterapia de grupo.

II — TIPOS DE PSICOTERAPIA DE GRUPO

Podemos dizer que existem tantos tipos de psicoterapias de grupo, quantas as técnicas psicoterapêuticas. Ou seja, para cada técnica psicoterapêutica, existe sempre uma variedade grupal. Assim, existem psicoterapias de grupo analíticas, adlerianas, comportamentalistas, rogerianas existencialistas, de sonho acordado, etc. Tal facto não pode, certamente, ser desligado do grande desenvolvimento que as técnicas de psicoterapia de grupo adquiriram no presente século, como vimos acima.

Na impossibilidade de nos referirmos a todas elas, abordaremos aqui, mais detalhadamente, as correntes analíticas e todas aquelas que implicam, necessariamente, uma abordagem em grupo, como é o caso do psicodrama, do movimento do laboratório, dos grupos gestalt, das novas técnicas psicoterapêuticas e da psicoterapia familiar.

Destas, a psicoterapia familiar é uma técnica específica, que usa, geralmente, uma abordagem sistémica e que tem como objecto de acção, como o seu nome indica necessariamente, uma família.

O psicodrama, criado por J. L. Moreno, assenta numa abordagem que procura activar a espontaneidade e a criatividade dos sujeitos, através da apresentação duma determinada cena. Desenvolvem-se fundamentalmente, de acordo com três correntes: o psicodrama moreniano, o triádico e o analítico (desenvolvido por Lebovici).

Quanto ao movimento do laboratório e aos grupos gestalt, para usar a terminologia norte-americana, e às novas técnicas psicoterapêuticas, se preferirmos a designação europeia, trata-se de técnicas grupais que não podemos deixar de associar ao movimento hippy e a todos aqueles, que culminaram em Maio de 68 e que se baseiam implícita ou explicitamente na teoria da espontaneidade-criatividade, de Moreno, que já referimos, ao tratarmos do psicodrama. São técnicas que surgiram como reacção aos movimentos de inspiração analítica e que se baseiam, como eles, numa relação psicoterapêutica, mas que se caracterizam pela curta duração, pela descontinuidade, pela utilização frequente da expressão corporal (daí a utilização frequente de situações de no integral, em que esta expressão é total e de que os grupos maratona nos são paradigma) e em que a passagem a acto é tolerada, e mesmo, encorajada. De qualquer modo, em todos eles visa-se o alargamento dos fenómenos conscientes, que sejam conhecidos pelo próprio e pelos outros, ou seja, daquilo que se denominou a janela Johari.

No quadro 1, apresentam-se as principais diferenças entre as psicoterapias de grupo de inspiração analítica e as ligadas ao psico-

drama, movimento de laboratório, grupos gestalt e novas psicoterapias:

QUADRO I

Características	Psicoterapias analíticas	Psicodrama, psicoterapias ligadas ao movimento do laboratório, grupos gestalt, novas psicoterapias
<ul style="list-style-type: none"> — Teorias em que se baseiam — Objectivos 	<ul style="list-style-type: none"> — Psicanálise — Não são terapêuticas sintomáticas. Visam uma maturação da personalidade 	<ul style="list-style-type: none"> — Teoria da espontaneidade-criativa — Visam uma libertação do indivíduo, uma catarse, que permite uma modificação da personalidade, nunca tão marcada como numa técnica analítica.
<ul style="list-style-type: none"> — Modificações do indivíduo depois da terapia 	<ul style="list-style-type: none"> — Super-Ego e Id mais flexíveis. Ego mais adequado à realidade e mais aceitante do Id. Melhor funcionamento das funções integrativas sintéticas. 	<ul style="list-style-type: none"> — Alargamento da janela Johari
<ul style="list-style-type: none"> — Modo de inter-acção — Expressão — Continuidade — Duração — Passagem a acto na técnica terapêutica — Papel da psicoterapêutica 	<ul style="list-style-type: none"> — Relação psicoterapêutica — Verbal — Contínua — Longa — É fortemente desencorajada — O psicoterapeuta como figura de identificação 	<ul style="list-style-type: none"> — Relação psicoterapêutica — Corporal — Descontínua — Breve — Tolerada, mesmo encorajada — O psicoterapeuta funciona como facilitador, que permite as comunicações.

A — Definição e evolução da Psicoterapia de Grupo

As psicoterapias de grupo de inspiração analítica são, como seu nome indica, técnicas psicoterapêuticas, que se dirigem a um grupo de pessoas, mas que se baseiam nas concepções da teoria psicanalítica.

Na sua obra «A psicologia de grupo e a análise do Ego», publicada em 1921, Freud chamava a atenção para que os grupos eram caracterizados pela existência de um ideal de Ego comum e punha, implicitamente, o problema da possibilidade duma psicoterapia de grupo, de inspiração analítica, a qual se faria através duma análise do Ego dos seus componentes.

Os culturalistas, como Adler, Horney, Sullivan, Kardiner e outros punham o problema da determinação social do comportamento e, conseqüentemente, a necessidade de aná-

lise destes aspectos, que ocorriam mais claramente em grupo.

Os defensores da existência duma psicologia do Ego, dotada de marcada autonomia, enquanto instância estrutural, como Hartmann, Erikson e Rapaport chamavam também a atenção para aqueles pontos, mas davam particular importância ao Ego, enquanto estrutura autónoma, de adaptação à realidade e desenvolviam o que Rapaport chamava os pontos de vista adaptativo e psico-social.

O primeiro destes pontos, depois de se desenvolver através das três etapas freudianas, de defesa da realidade exterior, de defesa dos instintos e de defesa contra ambas estas instâncias simultaneamente, exprimia-se nas concepções de Hartmann como adaptação activa à realidade exterior, criada pelo homem, e nas de Erikson, que postulava que esta adaptação era função da cultura e

negava conseqüentemente, a existência do processo secundário, pelo menos em termos absolutos.

Quanto ao segundo ponto de vista acima citado, ele exprimia-se através da noção de complacência social de Hartmann e da teoria epigenética psico-social de Erikson, que só pode encontrar expressão objectiva em grupo.

Esta evolução da psicanálise quase implicava o desenvolvimento das psicoterapias de grupo, de inspiração analítica, como seu corolário natural.

Na sua sequência, surgem os trabalhos de Wender e Schilder, nos EUA, sendo estes os primeiros autores a usarem técnicas de psicoterapia de grupo, de inspiração analítica, em todo o mundo.

A experiência de Northfield, levada a cabo, entre outros, por Foulkes e Bion, vai levar, como já vimos, ao desenvolvimento destas técnicas no Reino Unido e à sua difusão no resto do mundo anglo-saxónico.

B — As diferentes correntes de psicoterapia de grupo de inspiração analítica

Poderíamos dizer que existem tantas técnicas de psicoterapias de grupo de inspiração analítica, quantos os seus praticantes. Todavia, alguns conceitos e técnicas adquiriram particular relevância, pelo que a eles nos vamos referir mais pormenorizadamente.

Estas diferenças assentam, basicamente, nos conceitos de transferência e de neurose de transferência grupal.

Ora, se todos os autores estão de acordo quanto à existência de fenómenos transferenciais em grupo, já o mesmo não acontece quanto à existência ou não da denominada neurose de transferência grupal e à sua perlaboração.

Assim, muitos autores pensam que a neurose de transferência não pode ocorrer no grupo, devido à acção limitante, que os outros membros deste exercem sobre o indi-

víduo. E que, muito menos, esta também não é susceptível de perlaboração, atendendo aos mesmos factos.

É com base nestes dados, que se posicionam, em grande parte, as diferentes escolas de psicoterapia de grupo de inspiração analítica.

Assim, Bach considera que a neurose de transferência não ocorre em grupo. Aliás tal concepção liga-se à técnica deste autor, que utiliza processos de dinâmica de grupos, baseados na teoria de campo, de K. Lewin, deixando apenas para a última das suas sete fases a utilização de interpretações analíticas profundas.

S. R. Slavson pensa que a presença de elementos em fases de regressão diversas no grupo é factor limitante do desenvolvimento da neurose de transferência grupal, que considera impossível de se estabelecer, ainda que ocorram no grupo fenómenos transferenciais.

Posição diferente é a de Wolf e Schwartz, nos EUA, e a de Locke, no Reino Unido, que defendem a possibilidade de estabelecimento da neurose de transferência grupal e a sua perlaboração. A existência de sessões alternantes parece, contudo, muito limitante deste ponto de vista. Alexander Wolf, em 1981, vem aliás concordar com esta posição, considerando que as sessões alternantes, introduziam novos padrões de funcionamento, no grupo, vem impedir o desenvolvimento da neurose de transferência grupal.

O denominado grupo da Tavistock, constituído por psicanalistas kleinianos e que inclui personalidades tais como Bion, Ezriel e Sutherland, não se interessa por este ponto de vista. Para ele o grupo psicoterapêutico funciona como um «grupo de trabalho» que visa atingir, através deste, conteúdos «latentes» ou seja, «o grupo dos pressupostos básicos» (dependência, acasalamento e lutar e fugir).

Finalmente, S. H. Foulkes considera que a sua «grupanálise» deve ser definida em termos de «estrutura» (rede que se estabeleça

entre os diversos membros do grupo), «processo» (interacções dinâmicas que surgem na rede) e «conteúdo» (aquilo que é comunicado nessas interacções).

A evolução deste autor, no que diz respeito à noção de neurose de transferência grupal, pode ser definida com base nos três períodos seguintes:

- Num primeiro período (1948-1963) considerava que a neurose de transferência não se podia estabelecer.
- Num segundo (1963-1975), ele admitia a possibilidade de se desenvolver uma neurose de transferência grupal, que considerava susceptível de perlaboração.
- Enfim, num terceiro período (à roda de 1975 e até à sua morte), ele afirma que, ainda que a neurose de transferência grupal se possa formar e, mesmo, na maioria dos casos, ser perlaborado, tal facto não deve ser encorajado porque «aumenta a dependência para com o terapeuta e prolonga o tempo de tratamento».

III. A GRUPANÁLISE — A SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

O conceito de Grupanalise foi criado por Trigant Burrow, em 1927, que a definiu como a aplicação da terapêutica psicanalítica ou tratamento da sociedade, mais concretamente, de pequenas comunidades, na impossibilidade de conseguir desenvolver o seu objectivo inicial.

Partindo da noção de «neurose social» e de «neurose de massas», que explica com base no facto dos instintos, que têm para ele uma base biológica, como aliás Freud postula, não atingirem os seus fins, devido à repressão social.

Incapazes, no entanto, de atingirem os seus objectivos, Burrow e os seus seguidores (Lawrence, Syz, Abse) tiveram, progressivamente, que transformar estas técnicas

num método de investigação que passaram a designar como «filo-análise» e que procurava estudar a «filo-patologia».

Foi, porém S. H. Foulkes que, em 1946 deu uma nova orientação à grupanalise, definindo-a em termos de estrutura, processo e conteúdo e organizando-a com uma nova dimensão terapêutica, com aplicação aos pequenos grupos (7 a 8 pessoas), ainda que mantendo a sua perspectiva de investigação, dentro deste novo contexto.

E. L. Cortesão e, na sua esteira, quase toda a escola de Lisboa, redefiniu este processo, reforçando, nele, a dimensão do componente psicanalítico e estabelecendo uma nova teoria da técnica.

Vejamos, mais atentamente, a evolução destas últimas duas posições.

Já vimos, no capítulo anterior, as grandes linhas da evolução das posições de S. H. Foulkes no que diz respeito à neurose de transferência.

Mas a conceptualização básica de Foulkes partia do conceito de matriz, que Ruesh e Bateson tinham definido. De acordo com estes autores, todas as perturbações psicopatológicas ocorriam como alteração das comunicações, que tinham lugar numa rede que se organizava entre os vários elementos, que constituíam um grupo. Para Foulkes, esta matriz era uma entidade dinâmica, que se organizava com base nas inter-acções que se estabeleciam entre os membros do grupo, assim se diferenciando da rede, e a grupanalise constituía, precisamente, o modo do indivíduo corrigir estas perturbações da comunicação.

Naquilo que ele designou em 1957 como a teoria dinâmica geral e que na 2.^a edição da sua obra «A psicoterapia de grupo — o enfoque psicanalítico», (efectuada em 1965), denominou mais modestamente, «a psicodinamia grupanalítica» e que é uma das bases da sua conceptualização, Foulkes apoiou-se nos três conceitos seguintes que vamos passar a discutir: a localização, a comunicação e as esperas de relação.

A localização mostra-nos como a posição de um indivíduo no grupo e a interacção entre os seus membros, assim como a relação indivíduo-grupo tem importância na organização e acção terapêutica deste.

A comunicação tem, para Foulkes, uma dimensão inconsciente e baseia-se em três fenómenos, a translacção, a comunicação propriamente dita, que implica um emissor e um receptor, e a verbalização.

Finalmente, o conceito de esferas de relação, assenta em concepções de Erikson, que as tinha formulado a partir de pontos de vista estabelecidos por Wernicke, no princípio do século. Postula a existência de três entidades, o autocosmos, no qual o indivíduo comunica com os outros, como se fossem parte de si próprio, a microesfera, no qual os outros são sentidos, em função das qualidades, tomando este termo em sentido lato, que o indivíduo neles projecta e, finalmente, a macroesfera, na qual as relações entre os membros de grupo se estabelecem, com base nas características próprias de cada um. Estas diferentes esferas de relação, tendem a organizar-se, na evolução genética do indivíduo sob o primado da macroesfera, mas em grupanalise os fenómenos transferenciais ocorrem nas áreas das duas esferas anteriores: nomeadamente os neuróticos, mais frequentes habitualmente, que estão na zona da microesfera, enquanto os psicóticos se encontram no autocosmos.

O outro conceito básico deste autor e que ele considera como o cerne da acção terapêutica da grupanalise é a de «treino do Ego em acção», que ele define, em 1975, como «a análise das diferentes estruturas do indivíduo e, em particular do seu Ego, super-Ego e Id, tornada visível e clara no seu próprio contexto grupal e feita através das acções».

A escola britânica de grupanalise tem-se mantido dentro das concepções, estabelecidas por S. H. Foulkes, e dentro delas desenvolve a sua acção terapêutica e de investigação. Para além do trabalho em pequenos grupos, no sentido que Foulkes lhes dava,

debruçou-se sobre o estudo de terapêutica com grandes grupos, mercê da acção de L. Kreeger e P. B. de Maré, a qual tem mantido, fundamentalmente, uma dimensão especulativa e de investigação, e sobre a psicoterapia familiar, que se organizou à volta de A. C. R. Skynner.

IV. A GRUPANÁLISE E A ESCOLA PORTUGUESA

De acordo com as concepções da Escola Portuguesa, definidas por E. L. Cortesão, no seu trabalho «Contribuição para uma teoria da técnica grupanalítica», a grupanalise tem como objectivo a prelaboração da neurose de transferência grupal dos indivíduos que compõem o grupo, e a individualização dos respectivos selfs.

A prelaboração acima definida tem lugar na interacção da matriz e do padrão grupanalíticos.

A noção de matriz foi redefinida por este autor, na evolução de conceitos formulados por Foulkes, M. R. Leal, I. Passos e outros como uma rede de relação, comunicação e prelaboração que, através da integração do padrão grupanalítico, permitiria que nela ocorresse o processo grupanalítico.

O padrão, conceito por ele criado, é «o conjunto de atitudes que o grupanalista transmite e sustenta na matriz grupanalítica, com uma função interpretativa, que fomenta, e desenvolve o processo grupanalítico». É caracterizado pela sua natureza, como pessoa (matriz relacional interna do grupanalista, no dizer de A. G. Ferreira, marcada pelo treino grupanalítico pessoal) e transmissor (consequência de contemporaneidade de informação científica, de supervisão e da formação grupanalítica nas suas várias dimensões), função (interpretações e outras intervenções) e propósito (a já citada prelaboração das neuroses de transferências grupais, com a consequente reconstrução e individualização dos *self*).

O processo grupalítico, resultante da inter-acção entre matriz e padrão acima citada, pode ser descrito do seguinte modo:

1 — O indivíduo leva para o grupo grupalítico a sua matriz relacional interna (M. R. Leal), que ele vai formando nos diferentes grupos, porque vai passando, ao longo da sua vida, tais como a díade mãe-criança, a família nuclear, a família alargada, a escola, nas suas diversas versões, o trabalho e outros.

2 — No grupo grupalítico esta matriz relacional interna vai ser modificada, através do processo grupalítico, que ocorre na matriz grupalítica e em que o fenómeno do espelho tem particular importância, devido à interacção do padrão grupalítico e, acessoriamente, das matrizes relacionais internas dos restantes elementos do grupo.

3 — É assim que a interacção entre a matriz e o padrão grupalíticos vai levar à resolução das neuroses de transferência grupais dos membros do grupo com a consequente individualização dos *self*, de que já falámos acima.

V. TEORIAS EM QUE SE BASEIA A GRUPANÁLISE, TAL COMO É DEFINIDA PELA ESCOLA PORTUGUESA

De acordo com as concepções da escola portuguesa e, particularmente, com as de E. L. Cortesão, a grupalítica baseia-se predominantemente na teoria psicanalítica.

No que a esta diz respeito, ela assenta no ponto de vista metapsicológico, na teoria das relações de objecto, nas concepções da psicologia do Ego e na teoria do narcisismo de Kohut.

O ponto de vista metapsicológico foi definido por Freud ao longo de toda a sua obra e, particularmente, nos chamados escritos metapsicológicos e é uma das pedras angulares da teoria psicanalítica e, também, da grupalítica.

A teoria das relações de objecto, tal como

é usado em grupalítica, baseia-se nas concepções de M. Bouvet e, sobretudo, da escola inglesa, com Balint, Guntrip, Fairbairn e Winnicott, e de Otto Kernberg, este último no que diz respeito às relações de objecto em situação de estado limite. Particular importância é dada às concepções de Balint (nomeadamente às suas noções de «lacuna básica» e «novo começo»), e sobretudo, de Winnicott (ambiente contentor, funções contentoras, ambiente facilitador, objectos transaccionais, fenómenos transaccionais e «mãe suficientemente boa»).

A psicologia do Ego foi desenvolvida a partir dos conceitos de Freud e da sua filha Ana e teve em Hartmann, Erikson e Rapaport os seus grandes teorizadores. Chama a atenção para a importância da autonomia do Ego e de outras estruturas, a ele acopladas, e para aquilo que Rapaport denominou os pontos de vista adaptativo e psicossocial em psicanálise e que encontram a sua expressão em noções, como a de complacência social de Hartmann e na teoria epigenética psicossocial de Erikson, de que já falámos.

Quanto à teoria do narcisismo de Kohut, ela postula a existência de dois tipos de narcisismo, o normal, que é fundamental para a evolução genética do indivíduo e para a sua integração em grupos, e o patológico, responsável por algumas perturbações graves de personalidade e que também se manifesta, por vezes, na situação grupalítica.

Quanto às outras teorias, que informam a grupalítica, citarei:

1 — A teoria de Gestalt, com as suas noções de figura e fundo, fundamentais para se compreender o funcionamento do grupo;

2 — A teoria de campo, de Kurt Lewin, que explica o funcionamento do grupo e dos seus membros, em termos de geometria topológica e de teoria vectorial;

3 — A teoria organísmica de Goldstein, que considera o grupo considerado globalmente, como um organismo, em que os diferentes indivíduos que o constituem, estão inseridos;

4 — A sociometria de Moreno, que tenta explicar os fenómenos sociais, com base em atrações e repulsões, que se verificam entre os membros do grupo;

5 — A teoria geral dos sistemas, que explica o funcionamento dos indivíduos como parte destas entidades (sistemas), em que estão inseridos e isto quer ela seja considerada na sua forma pura (Bertalanffy) quer nas tentativas da sua aplicação à psicanálise (Peterfreund), quer se procura integrar o indivíduo em vários sistemas de vida (Miller);

6 — A teoria da comunicação, que explica os tipos de relação dos indivíduos em grupo e a sua sociopsicopatologia, quer através dos estudos da escola de Palo Alto (Bateson, Watzlawick), quer das tentativas de explicação da psicanálise, com base neste conceito (Cosnier, Gear e Liendo, Widlocher).

Aos conceitos tirados destas diferentes escolas, a maioria dos quais foram redefinidos no contexto da teoria da técnica grupal, há que juntar conceitos originais, elaborados por autores portugueses.

Citaremos, entre estes, o desenvolvimento de noção de matriz, o estabelecimento das noções de matriz relacional interna e de padrão grupal, finalmente, a criação dos conceitos de níveis de experiência e de interpretação e de interpretação comutativa. O primeiro e os três últimos destes conceitos foram estabelecidos por E. L. Cortesão e o segundo por M. R. Leal.

Já falámos acima dos três primeiros destes conceitos. Vamos, agora, ocuparmo-nos dos dois últimos.

O conceito de níveis de experiência e de interpretação estabelece que, num grupo, os seus membros procuram comunicar de vários modos os seus sentimentos e pontos de vista. Por vezes estas comunicações visam a passagem dum determinada experiência para outra, mais elaborada. É o que ocorre nos denominados níveis de interpretação.

Estes níveis são nove. Os três primeiros (a experiência subjectiva individual, a experiên-

cia submúltipla, comunicação associativa) são apenas níveis de experiência, os quatro seguintes (interpretação genético-evolutiva, interpretação de desenvolvimento, interpretação de significação e interpretação de criatividade) níveis de interpretação genético-evolutiva e os dois últimos (interpretação transferencial e interpretação comutativa), níveis de interpretação transferencial.

Quanto ao conceito de interpretação comutativa, ele vai beber as suas bases ao conceito de interpretação mutativa de Strachey e pode ser definido como «uma interpretação transferencial, que determina a passagem para este nível de comunicação de qualquer outro, previamente verificado, daqui decorrendo uma modificação do comportamento do indivíduo no grupo, que, por sua vez, é consequência de alteração do seu funcionamento intrapsíquico.

VI. OS VÁRIOS TIPOS DE CONCEPTUALIZAÇÃO NA ESCOLA PORTUGUESA

As concepções da escola portuguesa, foram-se organizando com uma grande sistematização, mercê da contribuição de vários autores (M. R. Leal, J. Azevedo e Silva, E. Cruz Filipe, A. G. Ferreira) e, sobretudo, E. L. Cortesão, que lhes deu uma maior coerência e organização.

Contudo, estas concepções nem sempre coincidem perfeitamente. Assim, para E. L. Cortesão e para grande parte dos grupanalistas portugueses «psicanálise e grupanalise constituem métodos, com bases teóricas comuns e procedimentos operatórios distintos».

Pelo contrário, M. R. Leal, colocando-se na esteira das posições de Foulkes, deu-lhes desenvolvimento e sentido particular, complementando os seus conceitos de psicodinamia grupoanalítica e, nomeadamente, de comunicação nos grupos grupanalíticos, através de conceptualizações, modelada a partir da sua noção de matriz relacional interna.

Partindo embora de posições bastante semelhantes às dos restantes grupalistas portugueses, esta autora, dá nos seus últimos trabalhos, grande relevância a concepções oriundas de teoria da comunicação e dos pontos de vista de Bowlby e de outros etologistas, ainda que não minimize de modo algum, as contribuições da teoria psicanalista, aliás do mesmo modo que fazem outros autores, que defendem posições semelhantes.

Grande importância têm ainda nos seus pontos de vista conceitos tirados da linguística e da semântica, através dos quais ela explica alguns aspectos das situações de regressão e reconstrução, que ocorrem em grupalise.

Tenho para mim, e esta convicção tem-se acentuado nos últimos tempos, que é, particularmente, da interacção entre contribuições da teoria psicanalítica e da teoria de comunicação, para além das outras teorias já acima referidas, que vai resultar no desenvolvimento futuro da estruturação e conceptualização em grupalise. É, aliás, um ponto de vista já esquematizado por Foulkes e que encerra, em minha opinião, importantes virtualidades.

Aliás, psicanálise e teoria da comunicação estão longe de se excluir, conforme demonstraram trabalhos de Cosnier, Geare Liendo e Widlöcher, que procuram explicar a psica-

nálise em termos de teoria da comunicação, assim como esta teve sempre implícita (e até explicitamente) algumas concepções daquela (Bateson, Watzlawick).

VII. INDICAÇÕES DOS VÁRIOS TIPOS DE PSICOTERAPIA DE GRUPO

A grupalise e as outras psicoterapias de grupo de orientação analítica, por um lado, e as técnicas ligadas ao movimento do laboratório e às novas psicoterapias, por outro, têm indicações gerais específicas, que se excluem mutuamente.

Já vimos em quadros, que apresentámos atrás, os princípios teóricos e técnicos, em que estes diferentes tipos de psicoterapia assentam, tomando aqui a palavra psicoterapia em sentido lato.

No quadro 2, apresentam-se as indicações gerais e específicas da grupalise e das psicoterapias de grupo de orientação analítica, por um lado, e das técnicas ligadas ao movimento do laboratório e às novas psicoterapias, por outro, entendendo por indicações gerais as que estão ligadas às características gerais de personalidade do indivíduo, que procura ajuda psicológica, e por características específicas as que se referem às entidades nosológicas, de que o indivíduo sofre.

QUADRO 2

Indicações gerais:	Grupalise e psicoterapia de grupo de orientação analítica	Movimento do laboratório várias psicoterapias
<i>Idade</i>	25-40	15-60 (e, às vezes, até mais)
<i>Inteligência</i>	Boa inteligência, de tipo especulativo	Inteligência regular, de tipo concreto
<i>Capacidades, que visam desenvolver</i>	Capacidade de insight	Capacidade de se exprimir através do corpo
<i>Força do Ego</i>	Ego forte	Ego menos forte, mesmo fraco
<i>Benefícios secundários</i>	Pequenos	Pequenos ainda que possam existir em maior grau que em grupalise
<i>Passagem a acto</i>	Passagem a acto desencorajada e mesmo proibida, sob pena de quebra do contacto	Tendência à passagem a acto aceite e encorajada
Específicas:	Neurose obsessiva Neurose fóbica Neurose histérica Estrutura neurótica Perturbações da personalidade	Outras neuroses Estados limites Psicoses afectivas Esquizofrenia Demências Oligofrenia

É através da interacção entre estes dois tipos de factores, indicações gerais e específicas que se determina a decisão final quanto à prescrição duma ou outra destas terapias, sendo, no entanto, mais relevantes, na apreciação global de cada caso, as primeiras mencionadas.

No entanto, o problema das técnicas modificadas, em grupanálise, vem ainda complicar esta situação, abrindo a perspectiva de se efectuar este tipo de terapia a indivíduos, que se encontram na fronteira no que diz respeito à indicação para uma ou outra destas técnicas. Nestes casos, que implicam situações de contra-indicação relativa para a grupanálise, tais como os estados limite, as psicoses afectivas e a esquizofrenia, as indicações gerais são determinantes na apreciação do caso. Por outro lado, há que sublinhar que as modificações da técnica implicam, geralmente um maior suporte do indivíduo em tratamento.

A terapêutica destas situações, por corresponder a estados mais graves, na generalidade dos casos, pode levar a que implique, durante algum tempo, o internamento em instituição.

Neste caso, esta entidade (a Instituição) deve ser organizada de modo mais flexível e terapêutico, afim de permitir a aplicação duma técnica essencialmente premissiva, como é uma psicoterapia, evitando o aparecimento de fenómenos de clivagem, que iriam agravar o funcionamento da personalidade e a sintomatologia destes indivíduos, tanto mais que, neles, estes fenómenos têm tendência a surgir com frequência, devido a alterações pré-existentes nas suas relações de objecto, internas e externas, que se agravariam, com o aparecimento do chamado efeito de Stanton e Schwartz.

Daí, a necessidade de se organizarem meios terapêuticos, expressão de outras tantas terapias institucionais, no seio das quais vão ter lugar as acções psicoterapêuticas acima referidas.

Estes meios terapêuticos permitem, além

disso, aos doentes interferir, em graus diversos, na gestão das instituições contribuindo para a organização da chamada psiquiatria administrativa.

Nestes casos, o processo terapêutico resulta assim da soma destas duas acções ou, melhor, da interacção entre a psicoterapia e a terapêutica de meio, que constitui como que o estroma, em que tem lugar o processo terapêutico.

VIII. A IMPORTÂNCIA DAS TÉCNICAS DE GRUPO NA PSIQUIATRIA ACTUAL

O desenvolvimento das psicoterapias de grupo corresponde a um movimento que assenta na evolução da psicologia contemporânea nos últimos anos, nomeadamente, da psicanálise, da teoria de campo de K. Lewin, da teoria de Gestalt e da teoria orgânica de Goldstein, para além do aparecimento de duas novas teorias, que abriram largas perspectivas neste campo; a Teoria Geral dos Sistemas e a teoria da comunicação.

Por outro lado, é um movimento que é caracterizado por uma maior eficácia terapêutica, por atingirem um maior número de pessoas, e por uma economia de custos.

Além disso, surgiram técnicas, como a psicoterapia familiar, que implicam, necessariamente, um trabalho em grupo.

Assim, podemos dizer que, desde 1945, se assistiu a uma decadência das técnicas psicoterapêuticas individuais e a um desenvolvimento progressivo das técnicas de grupo.

Por outro lado, a psiquiatria passou a ser preventiva e comunitária e este facto implicou o desenvolvimento das técnicas de grupo na sua acção, uma vez que estas se coadunavam melhor com esta perspectiva que as técnicas individuais, com uma maior vocação para as acções curativas, que privilegiam o indivíduo.

Desenvolveram-se deste modo, para além das psicoterapias de grupo e familiares e das

terapêuticas de meio, de que já falámos, as consultas de Saúde Mental, em que se dá apoio aos técnicos, que trabalham na comunidade, nomeadamente, aos clínicos gerais, os grupos de educação para a Saúde Mental, com os quais se procurava sensibilizar a comunidade a determinados princípios de Saúde Mental, os grupos de entreajuda e os grupos de voluntários, que desempenham uma acção fundamental na difusão destes pontos de vista, bem como de determinadas acções. Estes grupos constituem, assim, a espinha dorsal de qualquer acção em psiquiatria comunitária.

Até a própria formação dos técnicos começou a implicar acções em grupo, através dos chamados grupos de sensibilização e dos grupos Balint, por intermédio dos quais se familiarizavam, com as suas próprias problemáticas e com a dinâmica de grupos.

Em conclusão: As técnicas de grupo, não apenas através da sua dimensão psicoterapêutica, mas também por intermédio de todos os processos em que a dinâmica de grupos é usada, revelaram-se um meio excepcionalmente eficaz na sua acção sobre a comunidade e, portanto, uma das mais usadas em psiquiatria na actualidade.

A grupanálise continuaria a ser, neste contexto, um cuidado diferenciado, ao dispor da comunidade, extremamente eficaz na acção.

BIBLIOGRAFIA

BACH, G. R. (1954). *Intensive Groupe Psychotherapy*. New York: Ronald Press Company.
 BALINT, M. (1968). *The basic fault*. London: Tavistock publications.
 BELLAK, L. 1964 (Edited by). *Handbook of Community Psychiatry and Community Mental Health*. New York: Grunne & Stratton.
 BION, W. R. (1961). *Experiences in Groups*. London: Tavistock publications.
 BOUVET, M. (1968). *Ouevres psychanalytiques*. Paris: Payot.
 CORTESÃO, E. L. (1981). *Experiência clínica no tratamento de estados neuróticos e psicóticos com*

grupanálise e psicoterapia grupanalítica e contribuição uma teoria da técnica grupanalítica — Lisboa.
 ERIKSON, E. H. (1963). *Childhood and Society*. New York: Norton.
 ERIKSON, E. H. (1982). *The life cycle completed — a review*. New York: Norton.
 FAIRBAIRN, W. R. D. (1954). *Au object relations Theory of the personality*. New York: Basic books.
 FERREIRA, A. G. (1970). Survey of group psychotherapy in Portugal. *Group-Analysis*, 3: 126-8.
 FERREIRA, A. G. (1971). Communication and Transference during the earlier stages of a group — analytic group — *Group-Analysis*, 4: 24-30.
 FERREIRA, A. G. (1977) A carreira futura do grupoanalista — in *Grupanálise* n.º 2.
 FERREIRA, A. G. (1980) Transference and transference neurosis. *Group Analysis*, XIII: 93-99.
 FERREIRA, A. G. (1986) *Teoria dinâmica geral e metateoria: Algumas reflexões*, (A publicar)
 KERWBERG, O. (1975). *Boderline conditions and pathological narcissism*. New York: Aronson (1983), 2ª edition.
 KLAPMAN, J. W. (1959). *Group psychotherapy — Theory and practice*. New York: Grune & Stratton.
 KERWBERG, O. (1976). *Object relations theory and clinical psycha-analysis*. New York: Aronson.
 KOHUT, H. (1971). *The analysis of the self*. New York, International university press.
 KOHUT, H. (1977). *The restoration of the self*. New York: International Universities Press.
 LEAL, M. R. (1986). Transference neurosis in group — analytic treatment. *Group Analysis*, 1: n.º 2.
 LEAL, M. R. (1983). «Why group — analysis works» in «the evolution of group analysis», edited by Malcolm Pines Routeledge and Kegan Paul, London.
 LOCKE, N. (1961). *Group psychoanalysis — Theory and technique* — New York: New York University Press.
 MORENO, J. L. (1954). *Foudelements de la socimétrie* Paris: Press Universitaires de France.
 MORENO, J. L. (1965). *Psychotherapie de groupe et psychodrame*. Paris: Presses Universitaires de France.
 RAPAPORT, D. (1959). «The Structure of psychoanalytic theory» in «Psychology: a study of a science» — ed. S. Koch — Vol 3: 55-183, Mac Graw — Hill, New York.
 RUESH, J. & BATESON, G. (1987). *Communication — the social matrix of psychiatry*. New York: Norton.

- SAGER, C. & KAPLAN, H. S. (1972). *Progresses in group and family therapy*. New York: Brunner/Mazel.
- SCHILDER, P. (1951). *Psychotherapy*. New York: Norton.
- FOULKES, S. H. & ANTHONY, E. J. (1965). *Group Psychotherapy — The psycho-analytic approach*, — Penguin books, London — 1st edition, 1957, 2nd edition.
- FOULKES, S. H. & ANTHONY, E. J. (1964). *Therapeutic group — analysis*. London: Allen & Urwin.
- FOULKES, S. H. & STEWARTPRINCE, G. (1969). (Edited by) — *Psychiatry in a changing society*. London: Tavistock publications.
- FOULKES, S. H. (1975). *Group-Analytic Psychotherapy Method and principles*. London: Au interface book.
- FREUD, S. (1914) — *Remembering, reperting and Working — through* — S. E. XII: 145 — London, 1958.
- FREUD, S. (1915) — *Papers on metapsychology* — S. E., XIV: 111, London, 1957.
- FREUD, S. (1938) — *Au outline of psychoanalysis* S. E., XXIII: 183 — London, 1964.
- GOLDBERG, C. (1973). *The human circle — au existential approach to the new group therapies*. Chicago: Nelson-Hall company.
- GUNTRIP, H. (1969). *Schizoid phenomena, object relations, and the self*. New York: International Universities Press.
- GUNTRIP, H. (1971). *Psychanalytic theory, therapy and the self*. New York: Basic books.
- HARTMANN, H. (1964). *Essays on ego psychology*. International Universities Press.
- KAPLAW, H. & SADOCK, B. (1971). *Comprehensive group psychotherapy*. Baltimore: Williams and Wilkins — 1st edition.
- SLAVSON, S. R. (1950). *Analytic Group Psychotherapy with children, adolescents and adults*. New York: Columbia University Press.
- SLAVSON, S. R. (1956) (edited by). *The fields of Group Psychotherapy*. New York: International Universities Press.
- SLAVSON, S. R. (1964). *A Textbook in analytic group psychotherapy*. New York: International Universities Press.
- STEIN, L. & TEST, M. A. (1978). *Alternatives to mental hospital treatment*. New York: Plenum press 1978.
- WINNICOTT, D. 1958. *Collected papers*. London: Tavistock publications.
- WINNICOTT, D. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment*. New York: International Universities Press.
- WINNICOTT, D. 1971. *Playing and reality* — New York: Basic books.
- WOLF, A. & SCHARTZ, E. K. (1962). *Psycho-analysis in groups*. London: Grune & Stratton.